

NENÉM TÁ NO SINAL VENDENDO DROPS: ENTRE-LUGAR E NEGAÇÃO DA CIDADANIA EM TRÊS LETRAS DE CANÇÕES DO PERNAMBUCANO LENINE¹

Josimere Maria da Silva, Davi da Silva Gouveia (UEPB, PPGLI)
Geralda Medeiros Nóbrega (orientadora)

Resumo

Pretendemos, com este trabalho, pensar a condição de cidadania do jovem que, por motivos de ordem social e econômica, é deslocado para um entre-lugar no qual acaba por ter a sua condição cidadã negada, porque atropelada pela necessidade de sobrevivência num espaço que o faz ignorar valores e ter seus direitos negados. Para isso, tomaremos como corpus de análise três letras de canções do cantor e escritor pernambucano Lenine: Relampiano, de 1999, Ecos do ão e Quadro-negro, estas últimas de 2001 realizadas com a parceria de Carlos Renó. Nestas canções é possível perceber, através da perspectiva do deslocamento, temática recorrente nos Estudos Culturais, que os sujeitos em questão são levados a uma “contra-mão”, como diz o próprio Lenine, atropelando sua juventude porque situados, à força das condições sociais em que estão inseridos, num entre-lugar que os transforma em sujeitos marginalizados.

Palavras-chave: Jovem. Cidadania. Entre-lugar. Sujeito.

Um ponto de partida

O mundo do trabalho, regido pela lógica do capital, tem se transformado num devorador da humanidade que há, ou deveria haver, no homem. Assim, a instância que deveria garantir dignidade ao trabalhador, antes o tem relegado à condição de explorado, situado numa esfera marcada pela dominação dos mais fortes e pela submissão daquele que sobrevive de sua força de trabalho.

O que pretendemos pensar, pois, é o lugar do jovem frente a uma sociedade que o desloca cada vez mais a uma posição de degradado, uma vez que nega seus direitos e lhe impõe o trabalho cada vez mais cedo, resultando, não raro, na desestruturação desse sujeito. Para isso, tomaremos como ponto de partida três exemplos presentes em três canções de Lenine: o “Neném”, a “rebenta” e o “pivete-pixote” – representando três sujeitos deslocados de seus espaços por condições sociais que lhe foram impostas, situados num entre-lugar cuja escolha não lhes coube e que traz a reboque a degradação de seus direitos e a negação da sua cidadania.

Veremos como o entre-lugar em que esses sujeitos estão situados ressoa as influências de um espaço social degradado e, conseqüentemente, como transformam a vida

¹ Trabalho realizado sob a orientação da Professora Doutora Geralda Nóbrega, Programa de Pós-Graduação da UFPB, Mestrado em Literatura e interculturalidade.

dos que aí se encontram. O entre-lugar, nesse caso, será tomado como um espaço de desidentificação do sujeito, um lugar em que ele se encontra, mas com o qual não se identifica porque nele vive crises e conflitos. Um lugar que surge em detrimento de outro e que põe em questão a identidade do sujeito.

Partiremos de uma noção básica de cidadania: o ser cidadão consiste, preliminarmente, na execução de deveres e no respeito a direitos, o que converge para a inserção do sujeito no espaço social em que ele se encontra. No nosso caso, em que discutimos as relações de trabalho no universo do jovem, esta instância surge como negação. O jovem trabalhador, tomado nas canções de Lenine, é retratado como aquele que substitui outros direitos também assegurados pela Constituição, como a Educação e o lazer, por exemplo, pelo trabalho. As relações de trabalho, nesse caso, apresentam-se como destrutivas e nada garantem a esse “homem” senão a sua também destruição.

Segundo Manzine-Covre “Só existe cidadania se houver a prática da reivindicação, da apropriação de espaços [...]” (2007, p. 10). O autor pensa a cidadania a partir do tripé “direitos civis, políticos e sociais” (2007, p. 11) e aponta uma interrelação entre esses direitos que depende da “co-relação de forças econômicas e políticas” (2007, p. 15). Todavia, a ação dessas forças pode atuar sobre o social, muitas vezes, gerando a negação da cidadania em vez de garanti-la. Nas canções que nos propomos a analisar vemos um processo gradativo em que o sinal de trânsito (Relampiano), a febre (Ecos do ão) e o próprio mundo, um mundo sub-humano, (Quadro-negro) são colocados como espaços em que o jovem está aquém de sua condição cidadã. São jovens situados num entrelugar com o qual não se identificam e onde vivem uma crise de identidade reforçada pelo “enclausuramento” social (AUGÉ, 2010).

O entre-lugar ou lugar nenhum

A noção de entre-lugar foi trazida para nós a partir de Silviano Santiago em seu ensaio “O entre-lugar na América Latina”, no livro *Uma Literatura nos Trópicos*, no qual discute o lugar em que se situa o escritor latino-americano.

O dêitico “ali” (SANTIAGO, 2000, p.26) resume o entre-lugar: um espaço que não é concreto, mas existe; um lugar em que o sujeito está, mas no qual não se situa; um lugar, enfim, de clandestinidade. Nele o sujeito não se reconhece e tem ameaçada a sua identidade que se encontra em fragmentos devido ao deslocamento que ali o põe.

Aqui, tomaremos a noção de entrelugar² a partir das considerações analítico-discursivas de Alves Júnior que o define “[...] como um não-lugar decorrente da desidentificação do sujeito com situações diversas, de crises e conflitos, e/ou de sua destituição sócio-histórica no espaço sócio-discursivo” (2009, p. 177). Ou seja, tentaremos identificar o sujeito situado no entrelugar enquanto sujeito que apresenta uma identidade em crise devido à destituição de seu lugar de origem e, mais ainda, devido a sua não identificação com esse novo lugar.

No entrelugar, o sujeito aparece deslocado de uma identidade para outra e, aí, passa por conflitos que o levam a “[...] uma não participação nas diferentes relações de poder/saber do cotidiano que o envolve.” (ALVES JÚNIOR, 2009, p.177). Assim, o sujeito do entrelugar é um sujeito à margem, digamos, no sentido de que não participa ativamente desse novo lugar em que se situa.

Ainda segundo Alves Júnior, o entrelugar ou o não-lugar é “[...] um lugar de ausência sócio-histórica e de desidentificação com as mais diversas situações nos espaços sócio-discursivos em que o sujeito se insere.” (2009, p. 177). Assim, nesse não-lugar o sujeito se compõe de “fragmentos de discurso” que evidenciam a existência de outros lugares entrepostos nos quais busca resquícios de sua identidade na tentativa de restabelecê-la. Talvez possamos pensar esses outros lugares como representativos da “totalidade-mundo” (GLISSANT, 2005, p. 42) de onde o sujeito busca pedaços de seu passado para construir para si uma nova identidade no presente em que encontra.

Dessa fragmentação, contudo, surge a ideia de “instabilidade do sujeito”, segundo a qual o sujeito fragmentado “[...] procura tornar-se sujeito através do indivíduo ou do grupo.” (TOURAINÉ, 2004, p. 96) Ou seja, para Touraine o indivíduo só se torna sujeito na medida em que se coloca “em face de si”, na medida em que ele toma consciência da necessidade de recolher os fragmentos para poder tornar-se sujeito. Temos, assim, a ideia defendida por Hall, de que contraditoriamente, a identidade do sujeito se constrói na crise e na contradição, no colapso das estruturas sociais. (HALL, 2006).

Questionamos, pois, que identidade construirá para si o jovem deslocado dos espaços que deveria ocupar. Ele que é retirado dos espaços escolares e de lazer e levado, desde cedo, ao trabalho ou ao mundo do crime que em Ecos do ão resulta numa febé.

² A dupla grafia da palavra (entre-lugar/entrelugar) deve-se às formas usadas por Santiago e por Alves Júnior, respectivamente. No entanto, em nossa discussão optamos pela segunda, considerando a atualidade do uso.

Questionamo-nos se esses entrelugares permitirão a esse jovem recolher fragmentos outros para a (re)construção de sua identidade de forma que essa identidade dê conta de torná-los sujeitos conscientes de seus direitos e deveres, sujeitos questionadores e sabidos de sua função e importância no espaço sócio-histórico em que se encontram.

Sujeitos deslocados: “sua vida aponta a contra-mão”

Encaminharemos agora, uma análise acerca das canções propostas, numa tentativa de compreender como o discurso do persona, presente nos três poemas, ressoa a situação do jovem do entrelugar. Nos três casos não vemos uma voz em primeira pessoa, mas um terceiro que ergue um grito de denúncia em favor do jovem marginalizado. A proposta é encontrar evidências que apontem possíveis “fragmentos” aos quais o jovem aí presente possa se agarrar para, a partir deles, encontrar uma identidade para si. Tentaremos compreender que fatores contribuem para situar esse jovem no entrelugar e que consequências esse deslocamento gera na constituição desses indivíduos.

Em Relampiano, apresentada a seguir, é possível perceber alguns aspectos que apontam para as condições sócio-históricas do jovem “neném” e evidenciam alguns elementos constituintes da identidade desse jovem dividido entre o espaço familiar e o sinal onde vende drops para ajudar no sustento de sua família.

Tá relampiano, cadê neném?
Tá vendendo drops no sinal pra alguém
Tá relampiano, cadê neném?
Tá vendendo drops no sinal pra alguém,
Tá vendendo drops no sinal...

Todo dia é dia, toda hora é hora,
Neném não demora pra se levantar,
Mãe lavando roupa, pai já foi embora
E o caçula chora para se acostumar
Com a vida lá de fora do barraco,
Hai que endurecer um coração tão fraco,
Para vencer o medo do trovão,
Sua vida aponta a contra-mão.

Tá relampiano, cadê neném?
Tá vendendo drops no sinal pra alguém
[...]

Tudo é tão normal, todo tal e qual,
Neném não tem hora pra ir se deitar,
Mãe passando roupa do pai de agora,
De um outro caçula que ainda vai chegar,
É mais uma boca dentro do barraco,
Mais um quilo de farinha do mesmo saco,
Para alimentar um novo João Ninguém,
A cidade cresce junto com neném

Relampiano

Começamos observando que o eu poético não usa um nome próprio para referir-se ao sujeito de quem fala. É o substantivo comum “neném”, com letra minúscula, que o identifica, talvez numa generalização representativa que aponta para o fato de que “neném” não está só. Com ele existem tantos outros jovens e crianças “vendendo drops no sinal pra alguém”. Um alguém que, nesse caso, sugere a figura do explorador. Um sujeito que certamente traz em si considerável carga de responsabilidade pelo deslocamento de “neném” para o entrelugar.

Assim, tomaremos “neném” como um sujeito discursivamente construído que nos é apresentado a partir do discurso do persona. Este nos apresenta o jovem “neném” a partir de uma descrição do seu dia-a-dia: “Todo dia é dia, toda hora é hora, “Neném não demora pra se levantar” – segunda estrofe, e “Tudo é tão normal, todo tal e qual,/ Neném não tem hora pra ir se deitar” – quarta estrofe. E lá se vai “neném”, dia após dia dar conta de sua árdua tarefa. A contragosto, como é possível perceber em “E o caçula chora pra se acostumar/Com a vida lá de fora do barraco”. Assim, percebe-se a dificuldade desse sujeito em situar-se no entrelugar. O choro representa, possivelmente, a dor da destituição e a dificuldade de lidar com o que lhe é imposto, que seria a vida fora do barraco, nos sinais.

Na sequência, é possível pensar as consequências dessa destituição. A vida nos sinais “Hai que endurecer um coração tão fraco/ Pra vencer o medo do trovão”. O entrelugar apresenta-se para o sujeito aí situado como algo temeroso. Logo, o entrelugar interferirá na construção da identidade de “neném”. Como dotado de convenções próprias, o entrelugar oferece, ao sujeito que abarca, meios de adaptação que o façam dar conta dessa sua nova vida, nesse seu novo lugar de sujeito. Resta saber em que grau esses meios se configuram em elementos positivos e/ou negativos na construção de identidades.

A evidência mais forte que nos permite localizar “neném” num entrelugar está no último verso desta segunda estrofe; “Sua vida aponta a contramão”. Esse espaço apresenta-se como o lugar em que “neném” não deveria estar, ainda. Mas, justamente por estar lá, o sujeito caminha em uma contra-mão, num processo invertido em que o trabalho soterra a juventude.

Na última estrofe, especialmente no segundo e terceiro versos, “Mãe passando roupa do pai de agora,/De um outro caçula que ainda vai chegar”, o eu poético nos aponta o

lugar de onde “neném” parte em direção ao entrelugar que é a rua, os sinais. Esse lugar, que é a sua casa/família, já mencionado na segunda estrofe, agora surge com uma evidência que aponta para duas perspectivas: primeiro pensamos que o jovem “neném” faz parte de uma família desestruturada, ele tem um pai “de agora”, o que pode significar que sua família não oferece-lhe a formação/educação necessária; em segundo, podemos concluir que esse espaço, sendo assim representado por uma família desestruturada, apresenta-se, também, como um entrelugar, já que nele também não há as condições necessárias à formação da identidade do sujeito. Assim, a “contra-mão” aparece duplamente para reforçar o deslocamento do sujeito para um não-lugar. Os espaços físico-sociais em que “neném” se encontra apresentam-se criadores de um efeito inevitável em sua subjetividade. Esta, por sua vez, surge como resultante da dupla existência do entrelugar, visto que este se apresenta como um lugar de conflitos, como ressalta Alves Júnior (2009, p.177).

Em Ecos do ão (Lenine/Carlos Rennó), canção de enorme densidade temática, composta majoritariamente por decassílabos, vê-se uma inquietante crítica ao cenário de estratificação social a que os jovens são submetidos. A primeira estrofe nos aponta a febre como ponto de partida para pensar não apenas a condição do jovem diante da violência, mas os desdobramentos de uma sociedade que se vê diante de tal problemática. Vejamos o texto completo:

Ecos do ão

Rebenta na febre rebelião
Um vem com um refém e um facão
A mãe aflita grita logo: não!
E gruda as mãos na grade do portão
Aqui no caos total do cu do mundo cã
Tal a pobreza, tal a podridão
Que assim nosso destino e direção
São um enigma, uma interrogação

E se nos cabe apenas decepção,
Colapso, lapso, rapto, corrupção?
E mais desgraça, mais degradação?
Concentração, má distribuição?
Então a nossa contribuição
Não é senão canção, consolação?
Não haverá então mais solução?
Não, não, não, não, não...

Pra transcender a densa dimensão
da mágoa imensa e tão somente então
Passar além da dor, da condição
De inferno e céu, nossa contradição
Nós temos que fazer com precisão
Entre projeto e sonho a distinção
Para sonhar enfim sem ilusão
O sonho luminoso da razão

E se nos cabe só humilhação
Impossibilidade de ascensão
Um sentimento de desilusão
E fantasias de compensação?
E é só ruína tudo em construção?
E a vasta selva só devastação?
Não haverá então mais salvação
Não, não, não, não, não...

Porque não somos só intuição
Nem só pé de chinelo, pé no chão
Nós temos violência e perversão
Mas temos o talento e a invenção
Desejos de beleza em profusão
E idéias na cabeça coração
A singeleza e a sofisticação
O choro, a bossa, o samba e o violão

Mas se nós temos planos, e eles são
O fim da fome e da difamação
Porque não pô-los logo em ação?
Tal seja agora a inauguração
Da nova nossa civilização
Tão singular igual ao nosso ão
E sejam belos, livres, luminosos
Os nossos sonhos de nação

A febém se apresenta, aqui, como um espaço discursivamente construído através de negativas constantes, evidenciadas pelas palavras finais de cada verso: “rebelião/facção/não!/portão/cão/podridão/direção/interrogação”. O “não!”, grito de rejeição a este espaço no qual seu filho se encontra, sugere o quanto a mãe vê esse espaço como destrutivo; a “interrogação” sugere a dúvida a respeito dos rumos de uma sociedade que oferece a febém como espaço alternativo para a (re)educação de jovens, um espaço de “caos”, um “mundo-cão”.

O entrelugar, nesse caso, representado pelo espaço da febém, é construído através do discurso do persona como um espaço degradado, situado em uma sociedade a quem lhe cabe apenas “decepção/ corrupção/degradação/má distribuição” – segunda estrofe. Constatação esta que leva esse sujeito a apontar uma solução: “ Nós temos que fazer com precisão/Entre projeto e sonho a distinção/Para sonhar enfim sem ilusão/O sonho luminoso da razão” – terceira estrofe. Caso contrário, “Não haverá então mais salvação” – quarta estrofe. E justifica, na quinta estrofe, a necessidade e validade de transformar esse lugar de negação num lugar desejável: “Porque não somos só intuição/ Nós temos violência e perversão/Mas temos o talento e a invenção/... /O choro, a bossa, o samba e o violão”.

O grito do persona, nesta quinta estrofe, amplia o entrelugar do espaço da febém para o espaço Brasil. Elementos pontuados como representativos de nossa cultura – o choro, a bossa, o samba - e também da nossa habilidade de invenção, representada pelo avião, são trazidos ao seu discurso como argumentos que reforçariam a possibilidade de transformar esse entrelugar num lugar acolhedor. A grande preocupação do sujeito que fala através de tantos “ãos” está em oferecer ao jovem um espaço digno, de integração sócio-cultural, uma “nova nossa civilização” – última estrofe.

De acordo com a canção, a inscrição do sujeito no entrelugar febém é determinada por fatores sócio-histórico-políticos e esse deslocamento, por sua vez, gera a desordem e o conflito. Segundo Alves Júnior (2009, p.189), “O jogo entre o novo e o velho, entre o passado e o presente assinala o lugar da resistência.” Assim, o deslocamento para o entrelugar vem acompanhado da não aceitação, o que gera o embate. A rebelião, assim, representa a resistência do sujeito deslocado para a febém devido a sua desidentificação com esse novo espaço, esse novo não-lugar.

Há uma ampliação do entrelugar em Quadro-negro (Lenine/Carlos Rennó). Agora é o mundo que é colocado como um espaço de transformações negativas, um mundo “sub-imundo” e “sub-humano”, como vemos nos versos iniciais:

Quadro-negro

No sub-imundo mundo, sub-humano
Aos montes, sob as pontes, sob o sol
Sem ar, sem horizonte, no infortúnio
Sem luz no fim do túnel, sem farol

Sem-terra se transformam em sem-teto
Pivetes logo se tornam pixotes
Meninas, mini-xotas, mini-putas
De pequeninas tetas nos decotes

Quem vai pagar a conta?
Quem vai lavar a cruz?
O ultimo a sair do breu, acende a luz

No topo da pirâmide, tirânica
Estúpida, tapada minoria
Cultiva viva como a uma flor
A vespa vesga da mesquinharia
Na civilização eis a barbárie
É a penúria que se pronuncia
Com sua boca oca, sua cárie
Ou sua raiva e sua revelia

Quem vai pagar a conta?
Quem vai lavar a cruz?
O último a sair do breu, acende a luz

O que prometeu não cumpriu
O fogo apagou
A luz extinguiu

Nesse entrelugar, um espaço em que os sujeitos de encontram “Sem ar, sem horizonte, no infortúnio” há a inevitável transformação dos sujeitos: “Pivetes logo se tornam pixotes/ Meninas, mini-xotas, mini-putas”. São sujeitos inscritos em um entrelugar que os relega a condições de forte degradação e que passam por transformações e conflitos. Há, digamos, uma troca de identidades, pivetes e meninas assumem o posto de pixotes e mini-putas. Com efeito, esses sujeitos, ao mesmo tempo em que apresentam uma subjetividade em choque surgem distanciados de condições mínimas de cidadania.

Esse conflito, vivido pelos jovem em questão, inquietam o persona que é levado a questionar a responsabilidade de tal situação: “Quem vai pagar a conta?”. Assim, pensamos que sempre que um sujeito é destituído de seu lugar de origem e posto num entrelugar, haverá sempre algo ou alguém responsável por tal destituição. No caso, o persona parece responsabilizar alguém: No topo da pirâmide, tirânica/Estúpida, tapada minoria/ Cultiva viva como a uma flor/ A vespa vesga da mesquinharia” – terceira estrofe. Essa “minorias”, representada aí por aqueles que se encontram no topo da pirâmide, é responsabilizada pelo

deslocamento desses jovens ao lugar da desidentificação, lugar em que se encontram distanciados de uma identidade cidadã e onde são levados a lidar com novos elementos identitários.

Nessa canção, o persona parece denunciar a barbárie existente nesse entrelugar que é a própria civilização – espaço em que os sujeitos parecem destituídos de qualquer resquício de cidadania, como sugere a última estrofe.

Conclusões

Os jovens apresentados nas canções analisadas são sujeitos que passaram por um processo de ruptura que os levou a uma nova condição – a condição de destituídos. Essa nova condição se apresenta a esses jovens impondo-lhes uma dupla tarefa: aceitar sua nova condição, o que, pela desidentificação com esse novo espaço, gera o conflito; e formar para si uma nova identidade, embora em meio à situação de caos.

Ao ser destituído de seu lugar de origem, instantaneamente o indivíduo passa a ser o sujeito do entrelugar. Ali, ele estará distante de seu espaço sócio-cultural e, por isso, será um sujeito de crises e conflitos em busca de uma identidade para si. Resta-lhe, pois, recolher fragmentos para constituir-se um novo sujeito.

Os entrelugares apontados nas canções analisadas, são lugares de estratificação social. Nesses espaços o jovem é colocado em situações degradantes – o trabalho, a prostituição – e, assim, apresentam-se distanciados das condições mínimas de cidadania a que tem direito.

O sujeito do entrelugar, com muita frequência é um sujeito destituído de poder. O deslocamento desses jovens/sujeitos para o entrelugar, no entanto, pode ser justificada a partir das forças sócio-político-econômicas. O seu deslocamento para esse lugar com o qual não se identifica não é uma escolha, mas uma consequência dessas forças maiores sobre as quais esse sujeito não tem qualquer poder de influência.

No caso específico dos jovens apontados nas canções, o deslocamento para o entrelugar pode ser resumido numa palavra-chave: negação. Esses indivíduos, além de colocados em situações de conflitos, têm negada a sua condição mínima de cidadania, elemento primordial na construção de suas identidades, dentro ou fora do entrelugar.

Referências

ALVES JÚNIOR, José Antônio. O conceito de entrelugar na análise do discurso: espaço sócio-discursivo de construção da subjetividade. In: FERNANDES, Cleudemar Alves; GAMA-KHALIL, Marisa Martins; ALVES JÚNIOR, José Antônio. (Orgs.) **Análise do Discurso na Literatura: rios turvos de margens indefinidas**. São Carlos: Claraluz, 2009.

AUGÉ-Marc. **Por uma antropologia da mobilidade**. Trad. Bruno César Cavalcante; Raquel Rocha Almeida Barros; Maceió: EDUFAL: UNESP, 2010.

GLISSANT, Édouard. **Introdução a uma poética da diversidade**. Trad. Elnice do Carmo Albergaria Rocha. Juiz de Fora: UFJF, 2005.

TOURAINÉ, Alain. **A busca de si: diálogo sobre o sujeito**. Trad. Caio Meira. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 5. Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

MANZINI-COVRE, Maria de Lourdes. **O que é cidadania**. Col. Primeiros Passos. São Paulo: Brasiliense, 2007.

SANTIAGO, Silviano. **Uma Literatura nos Trópicos: ensaios sobre dependência cultural**. 2ª ed. Rio de Janeiro, Rocco, 2000.

LENINE. **Na pressão**. São Paulo: BMG Brasil, 1999. 1CD. Faixa (4min 39s): digital, estéreo. SCDP-DFP050/87-SP.

LENINE. **Falange Canibal**. São Paulo: BMG Brasil, 2002. 1 CD. Faixa 1 (4 min 7s), faixa 8 (3min 37s): digital estéreo. SCDP-DPF 050/87-SP.